

Regional

RIO DOCE

Viveiro com cinco milhões de árvores para salvar o rio

Encabeçado pelo fotógrafo Sebastião Salgado, projeto quer salvar as nascentes da maior bacia hidrográfica do Sudeste

Nilo Tardin
COLATINA

Um viveiro capaz de produzir cinco milhões de mudas por ano será criado em Colatina para salvar as nascentes do Rio Doce e vestir novamente de verde a maior bacia hidrográfica do Sudeste brasileiro que abastece quatro milhões de pessoas.

“A proposta nasceu do Instituto Terra para dar velocidade ao Projeto Olhos d’Água”, diz o prefeito de Colatina Leonardo Deptulski.

Ele, os técnicos do município e do Instituto Terra, além do fotógrafo Sebastião Salgado e a mulher Lélia Salgado, estiveram no Horto Florestal do Córrego Santa Fé para traçar o plano final de formação do viveiro que vai ocupar 10 dos 15 hectares do local.

“Já existe o compromisso do governo do Estado de investir R\$ 1,5 milhão, além de trabalhar recursos da cobrança pelo uso da água da Agência de Bacia do Rio Doce”, explicou o prefeito. Segundo ele, a ideia é que em 25 anos, todas as 370 mil nascentes estimadas do Rio Doce estejam protegidas.

A estatística aponta que resta menos de 5% da floresta de árvores gigantes, aniquilada em menos de 50 anos em todo o vale do Rio Doce. No Estado, a situação é mais grave, destaca o diretor executivo do Instituto Terra Adonai Lacruz, 33.

“A Mata Atlântica é o bioma mais ameaçado do mundo. Estamos na fase do projeto para criar o viveiro, ainda este ano. Começamos com um milhão de mudas de 80 espécies nativas”, afirmou.

Segundo ele, a localização de Colatina vai facilitar a distribuição das mudas nos 228 municípios incluídos na bacia, 26 no Espírito Santo e 202 em Minas Gerais.

“Entre as inovações, está a aquisição de uma câmara fria para armazenar sementes. Além disso, mudas nativas usadas na preservação de nascentes também serão usadas na revitalização das áreas degradadas. É uma parceria ousada entre a prefeitura de Colatina e o Instituto Terra”, garantiu o engenheiro agrônomo da prefeitura de Colatina Ricardo Pretti.

“Estamos na fase do projeto para criar o viveiro ainda este ano”

Adonai Lacruz, diretor executivo do Instituto Terra



O ENGENHEIRO AGRÔNOMO RICARDO PRETTI mostra uma das mudas que serão usadas para a recuperação

SEBASTIÃO SALGADO FOTÓGRAFO

“O rio está morrendo sufocado”

De Paris, por telefone, direto da sede da Amazonas Images que administra seus projetos, o fotógrafo mineiro Sebastião Salgado, 69, revelou detalhes da proposta de recuperar todas as nascentes do Rio Doce ao longo dos 900 km entre Minas Gerais e Espírito Santo.

A TRIBUNA – Qual a situação da Mata Atlântica no vale do Rio Doce?

SEBASTIÃO SALGADO – O vale do Rio Doce é o mais degradado do Brasil. Resta muito pouco da Mata Atlântica numa extensão do tamanho de Portugal, onde vivem quatro milhões de pessoas.

O Rio Doce está morrendo sufocado pelo assoreamento e poluição, mas é extremamente importante para a economia do País na produção de mineiro de ferro e aço. Se quisermos assegurar água, temos que preservar as nascentes.



SEBASTIÃO SALGADO: parceria

> O ES e MG foram castigados por temporais. Que lição que podemos disso?

Foi um desastre ecológico. Uma catástrofe que nos mostrou a realidade do brutal desmatamento do vale do Rio Doce. Vi propriedades ao lado do Instituto Terra que teve mais de 30% de área destruída por desmoronamentos.

Sem proteção do solo e nenhuma mata ciliar que trabalha como filtro, uma torrente de lama foi parar dentro do rio agravando o assoreamento. É preciso revestir o vale de verde.

> Por que criar o viveiro gigante em Colatina?

O município é o maior parceiro do Instituto Terra. A administração abriu a possibilidade de repassar a área do Horto Florestal em comodato para formar o maior viveiro do Brasil e possivelmente da América Latina de mudas nativas.

O governo do Estado, conforme reunião com o governador Renato Casagrande, vai investir na criação do megaviveiro e Minas Gerais na

formação dos técnicos agrícolas.

> Qual a tecnologia usada na recuperação das fontes?

Um técnico agrícola é instruído no centro de formação do Instituto Terra com o compromisso de recuperar 150 nascentes. Cerca de uma área de 1,8 hectares com objetivo de evitar o pisoteio do gado, além de construir fossa séptica para tratar os esgotos. Mais de mil nascentes foram protegidas com essa técnica, 400 em andamento.

> Qual o custo e extensão do Projeto Olhos d’Água?

Em torno de R\$ 2 bilhões em 25 ou 30 anos. Por isso a necessidade do megaviveiro para abastecer várias regiões do alto, médio e baixo Rio Doce, produzir mudas em escala industrial, já este ano.

Vamos começar fazendo um milhão de mudas, aumentar a produção, até atingir a meta de cinco milhões dentro de três ou quatro anos. Serão utilizados 10 hectares para formar o viveiro. O Olhos d’Água entra em ação definitivamente em 2015.

SAIBA MAIS

Área de 10 campos de futebol

> O MEGAVIVEIRO de Colatina terá 10 campos de futebol

> VAI PRODUZIR mudas de essências nativas da floresta Atlântica.

> SERÁ O MAIOR do gênero no Brasil e possivelmente da América Latina.

> A TECNOLOGIA vai ajudar a identificar segredos das sementes nativas.

> UM COMPLETO laboratório no Insti-

tuto Terra, em Aimorés (MG), analisa a fisiologia das sementes das plantas como o tempo de germinação.

> SERÃO USADOS sistemas de irrigação e cobertura apropriada. Controle de pragas e solos esterilizados para evitar disseminação de doença.

Fonte: Instituto Terra.



RIO DOCE: bancos de areia

Mudas nativas protegerão área do tamanho de Portugal

O diretor do Instituto Terra, Adonai Lacruz, disse que o reflorestamento das nascentes começa no baixo e médio Rio Doce como estratégia de expansão da ONG ambientalista para o Estado.

O instituto já participa da recuperação da Reserva de Itapina, área de mais de um milhão de metros quadrados no distrito histórico a 35 km do centro de Colatina.

“Estamos nos preparando para proteger uma área equivalente a Portugal. Para recuperar as nascentes vamos precisar de milhões de árvores que serão produzidas em Colatina. Vamos começar com 80 espécies para formação do sub bosque na área protegidas”, disse.

O fotógrafo Sebastião Salgado recorda que quando era criança, entre as idas e vindas entre a cidade mineira de Aimorés, onde nasceu, e Colatina, costumava avistar o vapor Juparanã cortar imponente as águas do Rio Doce.

“A embarcação saía do mar e ia até Colatina, um trecho outrora navegável que não existe mais”, disse Salgado. De acordo com ele, em pontos onde o rio tinha quatro metros de profundidade hoje a lâmina não chega a 40 cm. Prova disso é que depois de 12 dias da enchente em Colatina, quando o rio subiu 10 metros acima do nível normal, bancos de areia já afloram em vários pontos do leito do rio.

DEDICAÇÃO



Uma floresta inteira

O servidor Aurélio Machado, 67, é o mais antigo funcionário do Horto Florestal de Colatina. Há 28 anos se dedica a produzir no mínimo 500 mudas de plantas nativas para formação de reservas ecológicas nas propriedades rurais no Estado.

Pelas contas, sozinho, Aurélio já fez mais de 5,5 milhões de árvores da Mata atlântica. “Quando cheguei aqui a terra era nua. Hoje temos uma floresta que ajudei a formar com muito carinho”.